

Oliver Sacks

Gratidão

TRADUÇÃO
Laura Teixeira Motta



Copyright © 2015 by Oliver Sacks
Todos os direitos reservados.

*Grafa atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Gratitudo

Capa

Alceu Chiesorin Nunes

Ilustração de capa

Zaven Paré

Fotos de miolo

Bill Hayes (www.billhayes.com)

Preparação

Julia Barreto

Revisão

Ana Luiza Couto

Isabel Jorge Cury

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sacks, Oliver

Gratidão / Oliver Sacks ; tradução Laura Teixeira Motta.
— 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2015.

Título original: Gratitudo.

ISBN 978-85-359-2666-8

1. Neurologistas — Inglaterra — Biografia 2. Neurologistas — Estados Unidos — Biografia 3. Sacks, Oliver W. 1. Título.

15-09800

CDD-616.80092

Índice para catálogo sistemático:

1. Neurologistas : Vida e obra 616.80092

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Mercúrio

NOITE PASSADA SONHEI COM o mercúrio: glóbulos enormes, brilhantes, ora subindo, ora descendo. O mercúrio é o elemento número 80, e meu sonho é um lembrete de que na terça-feira farei oitenta anos.

Elementos químicos e aniversários andam ligados para mim desde menino, quando aprendi sobre os números atômicos. Com onze anos eu podia dizer “sou sódio” (elemento 11), e agora, aos 79, sou ouro. Alguns anos atrás, quando dei um frasco de mercúrio de presente a um amigo pelo seu octogésimo aniversário — um recipiente especial que não vaza nem se quebra —, ele me olhou de um jeito esquisito, mas depois me enviou uma cartinha

simpática, gracejando: “Tomo um pouco toda manhã, para a saúde”.

Oitenta! É difícil de acreditar. Muitas vezes sinto que a vida está prestes a começar, e percebo que está quase no fim. Minha mãe era a 16^a de dezoito filhos; eu era o caçula de seus quatro rebentos, e quase o mais novo da penca de primos do seu lado da família. Também sempre fui o garoto mais novo da classe durante o ensino médio. Conservei esse sentimento de ser o mais jovem, apesar de agora ser uma das pessoas mais velhas que conheço.

Pensei que morreria aos 41 anos, na ocasião em que sofri uma queda grave e quebrei uma perna quando subia sozinho uma montanha. Improvisei uma tala para a perna e consegui descer desajeitadamente a encosta, alavancando o corpo com os braços. Nas longas horas que se seguiram, fui assaltado por memórias, boas e más. A maioria delas continha a sensação de gratidão: pelo que recebi dos outros, e também

por eu ter sido capaz de dar alguma retribuição. *Tempo de despertar*, meu segundo livro, havia sido publicado no ano anterior.

Beirando os oitenta, com esparsos problemas de saúde e cirurgias, nenhum deles incapacitante, me sinto feliz por estar vivo — “Estou feliz por não estar morto!” é uma frase que às vezes irrompe lá dentro de mim quando o tempo está perfeito. (Em contraste com uma história que ouvi de um amigo que ao caminhar por Paris com Samuel Beckett, numa manhã de primavera perfeita, lhe perguntou: “Um dia assim não te deixa feliz por estar vivo?”, ouvindo em resposta: “Eu não iria tão longe”.) Sou grato por ter vivenciado muitas coisas — algumas fascinantes, outras horríveis — e por ter sido capaz de escrever uma dúzia de livros, de receber incontáveis cartas de amigos, colegas e leitores e de desfrutar do que Nathaniel Hawthorne chamou de “um intercurso com o mundo”.

Lamento ter perdido (e ainda perder) tanto tempo; lamento ser tão angustiantemente tímido aos oitenta quanto era aos vinte; lamento não falar outra língua além da materna e não ter viajado ou vivenciado outras culturas de modo tão produtivo quanto deveria.

Sinto que precisaria tentar concluir minha vida, seja o que for “concluir uma vida”. Alguns dos meus pacientes nonagenários ou centenários dizem *nunc dimittis* — “Tive uma vida plena, agora estou pronto para ir”. Para alguns deles, isso significa ir para o céu. É sempre o céu e não o inferno, embora Samuel Johnson e James Boswell estremecessem diante da ideia de ir para o inferno e se enfurecer com David Hume, que não tinha essas crenças. Quanto a mim, não creio em (nem desejo) uma existência após a morte, exceto na memória dos amigos e na esperança de que alguns dos meus livros ainda possam “falar” às pessoas depois que eu morrer.

W. H. Auden vivia me dizendo que achava que iria viver até os oitenta e então “se mandar” (viveu só até os 67). Lá se vão quarenta anos desde que ele morreu, mas ainda sonho com ele, com meus pais e com ex-pacientes. Todos se foram há muito tempo, mas são amados e importantes na minha vida.

Aos oitenta paira o espectro da demência ou do derrame. Um terço dos meus contemporâneos está morto, e vários outros, com graves problemas mentais ou físicos, vivem presos numa existência trágica e mínima. Aos oitenta as marcas da decadência são demasiado visíveis. Nossas reações são um tanto mais lentas, os nomes nos fogem mais amiúde, e cumpre administrar melhor as energias, mas ainda assim é possível nos sentirmos muitas vezes cheios de vigor e nem um pouco “velhos”. Quem sabe, com sorte, eu consiga seguir, mais ou menos intacto, por mais alguns anos e me seja concedida a liberdade para continuar a

amar e trabalhar, as duas coisas mais importantes na vida, como garantiu Freud.

Quando chegar a minha hora, espero que eu possa morrer na ativa, como Francis Crick. Quando lhe informaram que seu câncer de cólon tinha voltado, de início ele não disse nada; simplesmente olhou ao longe por um minuto, depois retomou o que vinha pensando. Ao lhe perguntarem sobre seu diagnóstico algumas semanas depois, ele respondeu: “Tudo o que tem um começo deve ter um fim”. Morreu aos 88 anos, ainda totalmente comprometido com seu trabalho mais criativo.

Meu pai, que viveu até os 94 anos, costumava dizer que seus oitenta anos tinham sido uma das décadas mais agradáveis de sua vida. Ele sentiu, como começo a sentir, não um encolhimento, e sim uma expansão da vida mental e da perspectiva. Nesta altura já tivemos uma longa experiência de vida, não só da nossa, mas também da de outros. Já vimos

triunfos e tragédias, altos e baixos, revoluções e guerras, grandes realizações e profundas ambiguidades também. Já assistimos notáveis teorias ascenderem e acabarem derrubadas por fatos teimosos. Somos mais conscientes da transitoriedade e, talvez, da beleza. Aos oitenta podemos relembrar um vasto panorama e ter um senso claro de história vivida impossível aos mais novos. Posso imaginar, sentir nos ossos, o que é um século, coisa que não podia fazer aos quarenta ou sessenta. Não penso na velhice como uma fase cada vez mais penosa que é preciso suportar e levar o melhor possível, mas como um período de liberdade e tempo descomprometido, sem as infundadas urgências de outrora, livre para explorar o que eu quiser e para amarrar os pensamentos e sentimentos de toda uma vida.

Não vejo a hora de fazer oitenta anos.